

O IMPACTO DAS REDES SOCIAIS NA VIDA DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA

DOI: 10.5281/zenodo.16552634

Maria Deneycarla Campelo de Oliveira

Licenciada em Pedagogia – UVA; Licenciada em Geografia- UFRN; Mestra em Ciências da Educação – World University Ecumenical; Doutoranda em Ciências da Educação- World University Ecumenical. E-mail: deneycarla@hotmail.com

Maria Suely Farias Cunha

Mestre em Ciências da Educação- Wisdom Of Christ; Especialista em Magistério do Ensino Superior- PUC. E-mail: suely.farias@yahoo.com.br

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar o impacto das redes sociais na vida dos estudantes da educação básica brasileira, considerando as implicações sociais, emocionais e pedagógicas desse fenômeno. O avanço tecnológico e o fácil acesso à internet tornaram as redes sociais uma presença constante no cotidiano dos jovens, influenciando diretamente sua forma de se comunicar, aprender e se relacionar. Diante disso, torna-se necessário refletir sobre os benefícios e os desafios que essa realidade impõe ao ambiente escolar e ao processo de ensino-aprendizagem. A pesquisa será desenvolvida a partir de uma metodologia bibliográfica, com base em estudos teóricos e autores que discutem a influência da tecnologia digital na educação e no comportamento juvenil. Pretende-se compreender como o uso excessivo das redes pode afetar o rendimento escolar, a concentração, a autoestima e a interação social dos alunos, ao mesmo tempo em que se reconhece o potencial dessas ferramentas como recursos pedagógicos. Ao analisar diferentes perspectivas sobre o tema, buscamos contribuir para o debate educacional, propondo caminhos que ajudem a equilibrar o uso consciente das redes sociais com o desenvolvimento integral dos estudantes, especialmente no contexto da educação básica no Brasil.

Palavras-chave: Educação básica; redes sociais; educação contemporânea.

ABSTRACT: This article aims to analyze the impact of social media on the lives of Brazilian basic education students, considering the social, emotional, and pedagogical implications of this phenomenon. Technological advancement and easy access to the internet have made social media a constant presence in the daily lives of young people, directly influencing how they communicate, learn, and interact. In this context, it becomes necessary to reflect on the benefits and challenges that this reality imposes on the school environment and the teaching-learning process. The research will be developed through a bibliographic methodology, based on theoretical studies and authors who discuss the influence of digital technology on education and youth behavior. The study seeks to understand how excessive use of social media can affect academic performance, concentration, self-esteem, and social interaction among students, while also recognizing the potential of these tools as pedagogical resources. By analyzing different perspectives on the topic, this article aims to contribute to the educational debate by proposing ways to balance the conscious use of social media with the holistic development of students, especially within the context of basic education in Brazil.

Keywords: Basic education; social networks; contemporary education.

1. INTRODUÇÃO

As redes sociais digitais tornaram-se parte integrante do cotidiano de milhões de pessoas, em especial dos estudantes da educação básica, que crescem imersos em um ambiente altamente conectado. Plataformas como Instagram, TikTok, Facebook, WhatsApp e outras passaram a influenciar não apenas as formas de comunicação e lazer, mas também os modos de aprender, socializar e desenvolver a identidade dos jovens. De acordo com Castells (2003), vivemos na era da sociedade em rede, na qual a informação flui com grande velocidade, moldando comportamentos e relações. Nesse cenário, é imprescindível analisar como o uso intenso dessas plataformas impacta a vida escolar, emocional e social dos estudantes.

O impacto das redes sociais na vida dos estudantes da educação básica manifesta-se de forma multifacetada. Por um lado, essas plataformas oferecem novas possibilidades de aprendizagem, comunicação e expressão, permitindo aos alunos acesso a informações diversas, trocas culturais e construção de conhecimentos de maneira colaborativa. Segundo Santaella (2013), vivemos uma era de múltiplas linguagens e hiperconectividade, o que pode ser aproveitado de forma positiva no ambiente escolar, por meio de práticas pedagógicas que dialoguem com a realidade digital dos alunos. Projetos interdisciplinares, uso de vídeos educativos, criação de conteúdo e participação em fóruns virtuais podem estimular o protagonismo estudantil e tornar o ensino mais significativo e envolvente.

Por outro lado, é preciso reconhecer os desafios impostos pelo uso excessivo e muitas vezes inadequado das redes sociais. Estudos apontam que o tempo prolongado diante das telas pode afetar negativamente a concentração, o sono, o desempenho acadêmico e as relações interpessoais (Silva, 2016). Além disso, o ambiente virtual também pode ser um espaço de exposição a conteúdos impróprios, cyberbullying e padrões de comportamento que afetam a autoestima dos jovens. Diante disso, torna-se urgente que a escola assuma um papel orientador, promovendo uma educação digital crítica e consciente, capacitando os alunos para o uso ético, responsável e produtivo das redes sociais em seu cotidiano.

A literatura aponta que o uso das redes sociais pode tanto favorecer práticas pedagógicas inovadoras quanto provocar prejuízos à concentração, ao desempenho acadêmico e à saúde mental dos alunos, quando não mediado adequadamente (SILVA, 2016; LEMOS, 2010). Por isso, refletir sobre esse fenômeno é essencial para que educadores e gestores escolares possam

compreender as transformações em curso e propor estratégias que integrem de forma crítica e construtiva essas tecnologias ao ambiente escolar.

O objetivo geral deste artigo é analisar os impactos positivos e negativos do uso das redes sociais na vida dos estudantes da educação básica brasileira. A metodologia adotada será a pesquisa bibliográfica, com base em autores que estudam a cultura digital, a juventude e a educação, como Castells (2003), Santaella (2013), Lemos (2010) e Silva (2016), permitindo uma reflexão fundamentada sobre os desafios e possibilidades pedagógicas trazidos por essas tecnologias.

2. Porque as redes sociais tem tanta influência sobre os estudantes

As redes sociais exercem forte influência sobre os estudantes da educação básica porque estão profundamente integradas ao seu modo de viver, comunicar e construir identidade. Na fase da infância e da adolescência, os indivíduos estão em processo de formação de valores, opiniões e pertencimento social, e encontram nas plataformas digitais um espaço de visibilidade, reconhecimento e interação contínua com seus pares. Conforme Bauman (2004), vivemos em uma “modernidade líquida”, onde os vínculos são frágeis e as relações se constroem com rapidez, muitas vezes mediadas por telas. Assim, as redes sociais tornam-se uma extensão da vida social dos estudantes, exercendo impacto direto em seus comportamentos, sentimentos e decisões.

Neste sentido, segundo Castells (2003), na sociedade em rede, o poder está na capacidade de se comunicar e de influenciar fluxos de informação. Os jovens, por estarem constantemente conectados, absorvem conteúdos e padrões culturais com grande intensidade, o que molda seu vocabulário, seus gostos, aspirações e até a forma como percebem o mundo. Santaella (2013) complementa ao afirmar que estamos vivendo uma “cultura digital”, em que o pensamento é moldado por imagens, hipermídia e velocidade. Isso faz com que os estudantes sejam não apenas consumidores, mas também produtores de conteúdo, buscando aceitação social por meio de curtidas, comentários e compartilhamentos. Essa dinâmica pode gerar uma dependência emocional do engajamento online, afetando autoestima, motivação e relações interpessoais no contexto escolar.

A influência das redes sociais sobre os estudantes da educação básica intensificou-se significativamente nos últimos anos, sobretudo após a pandemia de Covid-19, que reconfigurou

as dinâmicas escolares e sociais. Com o fechamento das escolas e a adoção do ensino remoto emergencial, o ambiente digital passou a ser o principal meio de acesso à aprendizagem, à comunicação com professores e colegas, e à continuidade das relações interpessoais. Nesse contexto, as redes sociais ganharam ainda mais protagonismo no cotidiano dos estudantes, servindo não apenas como espaço de lazer, mas como suporte para o aprendizado, o compartilhamento de conteúdos e a socialização virtual. De acordo com Lima e Santos (2021), a pandemia acelerou a digitalização das práticas escolares e evidenciou a necessidade de repensar o papel da tecnologia na educação básica.

Assim, autores como Selwyn (2020, p. 12) destacam que

O uso intenso das plataformas digitais durante a pandemia revelou profundas desigualdades de acesso à internet, dispositivos e suporte familiar, o que impactou diretamente a qualidade do aprendizado e a participação dos estudantes. Ao mesmo tempo, muitos alunos passaram a usar redes sociais como o WhatsApp, Instagram, YouTube e TikTok como fontes alternativas de conhecimento, formas de expressão e contato com a realidade escolar.

No entanto, o excesso de exposição às telas, a ausência de mediação adequada e a dependência das interações virtuais também trouxeram consequências negativas, como o aumento de quadros de ansiedade, isolamento emocional e queda no desempenho escolar (Pinheiro; Nogueira, 2022).

Portanto, a pandemia não apenas reforçou a centralidade das redes sociais na vida dos estudantes, como também demonstrou que o uso dessas ferramentas precisa ser discutido criticamente nas escolas. Como defendem Moran e Bacich (2021), é fundamental que as instituições educacionais passem a integrar de forma planejada e ética as tecnologias digitais ao currículo, promovendo uma educação mais conectada à realidade dos alunos, mas sem perder de vista o desenvolvimento humano integral. Isso implica formar professores para o uso consciente das redes, incentivar práticas pedagógicas inovadoras e, principalmente, desenvolver nos estudantes competências digitais, pensamento crítico e responsabilidade no uso das mídias.

3. Como as redes sociais impactam na educação

As redes sociais impactam de forma profunda e ambígua a educação, especialmente no contexto da educação básica, onde estudantes estão em processo de formação cognitiva, social

e emocional. Essas plataformas digitais, ao mesmo tempo em que oferecem novas possibilidades para o ensino e aprendizagem, também apresentam desafios importantes para o ambiente escolar. Por um lado, as redes sociais podem ser aliadas pedagógicas potentes. Como destaca Moran (2015), quando bem utilizadas, elas favorecem a aprendizagem colaborativa, a construção de conhecimento de forma ativa e a ampliação do espaço-tempo da escola. Por meio de grupos de estudo, compartilhamento de vídeos educativos, fóruns de discussão e interação entre alunos e professores, é possível desenvolver habilidades como criatividade, pensamento crítico e comunicação.

Por outro lado, o uso não orientado ou excessivo das redes sociais pode trazer prejuízos ao processo educacional. Segundo Kenski (2012), o imediatismo das redes pode comprometer a capacidade de concentração e aprofundamento dos estudantes, que passam a buscar respostas rápidas em vez de desenvolver o raciocínio reflexivo. Além disso, o uso indiscriminado das redes pode levar à dispersão durante as atividades escolares, à exposição a conteúdos inadequados e ao surgimento de comportamentos como o cyberbullying, afetando o clima escolar e a saúde mental dos alunos.

Autores como Selwyn (2016, p. 45) apontam ainda:

As redes sociais modificam a relação entre professores e estudantes, exigindo uma nova postura pedagógica, mais aberta, dialógica e conectada às linguagens juvenis. Isso implica reconhecer que os alunos já chegam à escola com repertórios digitais e experiências construídas fora do ambiente formal de ensino, e que a escola precisa dialogar com essas vivências para permanecer significativa. Portanto, o impacto das redes sociais na educação exige uma reflexão crítica e um reposicionamento das práticas docentes, para que a tecnologia seja usada de maneira ética, criativa e formativa, contribuindo com o desenvolvimento integral dos estudantes e com a qualidade do processo educativo.

Diante dos desafios impostos pelo uso excessivo e, muitas vezes, inadequado das redes sociais por parte dos estudantes, cabe à escola e aos professores desenvolverem estratégias pedagógicas que não apenas contenham os impactos negativos, mas que também potencializem o uso dessas ferramentas como aliadas no processo educativo. Para isso, é necessário reconhecer que as redes sociais fazem parte da cultura digital contemporânea e estão profundamente integradas ao cotidiano dos jovens. Como afirmam Bacich e Moran (2018), a escola precisa deixar de tratar as tecnologias como inimigas e passar a integrá-las de forma crítica, criativa e significativa ao currículo escolar.

Uma das formas de contornar os efeitos prejudiciais é promover a educação midiática, ou seja, preparar os estudantes para compreenderem, analisarem e utilizarem conscientemente os meios de comunicação e suas linguagens. Para Soares (2011, p. 43),

A educação para a mídia é essencial na formação do sujeito crítico e ético, capaz de interagir com os conteúdos digitais com autonomia e responsabilidade. Nesse sentido, os professores devem incorporar o uso pedagógico das redes sociais em suas práticas, utilizando-as como espaços de produção de conhecimento, debate e expressão, ao mesmo tempo em que ensinam os estudantes a reconhecer os riscos da superexposição, das fake news e da dependência tecnológica.

Neste sentido, o trabalho coletivo entre escola, família e comunidade é fundamental. Segundo Paro (2000), a gestão democrática da escola implica a construção de um projeto educativo comum, que envolva todos os sujeitos do processo escolar. Isso inclui o diálogo com os responsáveis pelos alunos, visando estabelecer limites e orientações claras sobre o uso de dispositivos digitais fora do ambiente escolar. A formação continuada dos professores também é imprescindível. Como destaca Tardif (2002), o saber docente se constrói na prática e na reflexão. Portanto, capacitar os educadores para lidar com as tecnologias e com os desafios da era digital é uma ação estratégica para transformar a presença das redes sociais em um elemento integrador, que enriqueça o ensino, fortaleça os vínculos escolares e contribua para o desenvolvimento pleno dos estudantes.

Diante da realidade digital e da forte influência das redes sociais no cotidiano dos estudantes, torna-se indispensável que as universidades repensem a formação inicial de professores, preparando-os para atuar com competência, criticidade e criatividade no contexto da cultura digital. A formação docente não pode mais estar dissociada do uso das tecnologias da informação e comunicação (TICs), visto que a escola do século XXI exige profissionais capazes de integrar essas ferramentas ao processo pedagógico de forma ética e significativa. Como afirma Tardif (2002), os saberes docentes são construídos na articulação entre a formação acadêmica, a prática profissional e a experiência pessoal — e, nesse cenário, o domínio das linguagens digitais passa a ser um componente central.

Segundo Belloni (2009), a universidade deve assumir o papel de formadora de professores inovadores, capazes de utilizar as redes sociais e as tecnologias digitais como instrumentos de mediação didática, sem perder de vista a função crítica e humanizadora da educação. Para isso, é fundamental que os currículos dos cursos de licenciatura incluam disciplinas que tratem da pedagogia digital, da educação midiática e das implicações sociais e

culturais do uso das tecnologias. Kenski (2012) reforça que não basta apenas oferecer oficinas técnicas; é necessário formar professores com consciência pedagógica sobre o uso das mídias, capazes de refletir sobre o impacto dessas ferramentas na aprendizagem e no comportamento dos alunos.

Assim, Moran (2021) destaca que a formação docente deve desenvolver competências como flexibilidade, empatia, pensamento crítico e colaboração — habilidades essenciais para a atuação em contextos digitais e híbridos de ensino. As universidades, portanto, precisam romper com modelos formativos excessivamente teóricos e descontextualizados, promovendo vivências práticas, projetos interdisciplinares e o uso real das tecnologias em sala de aula. Dessa forma, os futuros professores estarão mais bem preparados para enfrentar os desafios da educação contemporânea, construindo práticas pedagógicas inovadoras que dialoguem com a realidade dos estudantes e que contribuam para uma educação mais crítica, inclusiva e conectada com o mundo atual.

As perspectivas para a educação brasileira diante da crescente influência das redes sociais são desafiadoras, mas também repletas de possibilidades. Em um cenário marcado pela transformação digital e pela presença constante das tecnologias na vida dos estudantes, torna-se urgente repensar o modelo educacional tradicional e buscar alternativas que dialoguem com as novas realidades culturais, cognitivas e sociais. Segundo Belloni (2009), a escola precisa assumir um novo papel frente às mudanças provocadas pelas tecnologias, abandonando práticas centradas apenas na transmissão de conteúdos e adotando metodologias mais participativas, interativas e significativas para os alunos.

Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) já aponta para a importância do desenvolvimento de competências relacionadas ao uso responsável da informação e das tecnologias digitais, bem como para a formação de sujeitos críticos, criativos e colaborativos. Autores como Moran (2021) e Bacich et al. (2015) destacam que, para que a escola acompanhe as transformações da sociedade em rede, é necessário investir em inovação pedagógica, formação docente contínua e infraestrutura tecnológica, criando ambientes de aprendizagem flexíveis, híbridos e integrados à cultura digital.

Portanto, as perspectivas para a educação brasileira passam pela valorização da escola como espaço de mediação consciente das tecnologias. A incorporação das redes sociais como ferramentas pedagógicas exige planejamento, intencionalidade e ética, evitando tanto a rejeição quanto o uso acrítico desses recursos. Como afirma Kenski (2012), é possível transformar a

educação em um processo dinâmico e coerente com o tempo em que vivemos, desde que as políticas públicas, os gestores escolares e os educadores estejam comprometidos com uma formação cidadã e inclusiva, capaz de preparar os estudantes para viver, conviver e aprender de forma crítica e responsável na sociedade digital.

Considerações Finais

As redes sociais exercem uma influência cada vez mais significativa sobre os estudantes da educação básica, moldando suas formas de comunicação, aprendizagem e relações sociais. Se, por um lado, essas plataformas oferecem amplas possibilidades para o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras e colaborativas, por outro, apresentam desafios que demandam uma reflexão crítica e ações intencionais por parte das escolas e educadores. A compreensão desse fenômeno exige a integração do uso das tecnologias digitais de maneira consciente e ética, visando não apenas o aproveitamento dos recursos, mas também a promoção do desenvolvimento integral dos alunos.

A escola e os professores têm um papel fundamental para contornar os efeitos negativos do uso excessivo e inadequado das redes sociais, por meio da implementação da educação midiática, da formação continuada dos docentes e do envolvimento da comunidade escolar. Só assim será possível construir um ambiente educacional que não rejeite as tecnologias, mas que as incorpore de forma crítica, preparando os estudantes para um uso responsável, reflexivo e produtivo desses recursos. Esse processo exige uma articulação entre currículo, prática pedagógica e políticas públicas que incentivem a inovação, a inclusão digital e a formação cidadã.

Assim, as perspectivas para a educação brasileira apontam para a necessidade urgente de repensar a formação inicial e continuada dos professores, adaptando-a às demandas da cultura digital e às especificidades do contexto contemporâneo. As universidades devem assumir o compromisso de formar profissionais capazes de mediar o conhecimento em ambientes híbridos, utilizando as redes sociais e outras tecnologias como ferramentas pedagógicas alinhadas aos princípios éticos e educativos. Dessa forma, será possível construir uma educação mais democrática, conectada e transformadora, que prepare os estudantes para os desafios de uma sociedade em constante transformação tecnológica e social.

REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; MORAN, José Manuel (orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

BACICH, Lilian; TANZI NETO, Alfredo Freitas de; TREVISANI, Fernando. **Educação híbrida: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. 6. ed. Campinas: Autores Associados, 2009. (Coleção Educação Contemporânea)

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 21 de junho de 2025.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologia e ensino presencial e a distância**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2012.

LIMA, Maria Aparecida; SANTOS, Juliana Pires dos. O uso das redes sociais por estudantes da educação básica em tempos de pandemia. **Revista Educação e Linguagens**, v. 10, n. 20, p. 199-212, 2021.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. São Paulo: Papirus, 2015.

MORAN, José Manuel. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. In: BACICH, Lilian; MORAN, José Manuel (orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2021. p. 15-35.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão democrática da escola pública**. São Paulo: Ática, 2000.

PINHEIRO, Rosana; NOGUEIRA, Amanda. Redes sociais, saúde mental e rendimento escolar: um estudo sobre os impactos da pandemia. **Revista Contextos da Educação**, v. 17, n. 60, p. 1-15, 2022.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2013.

SELWYN, Neil. **Education and Technology: Key Issues and Debates**. 2. ed. London: Bloomsbury Academic, 2016.

SELWYN, Neil. **Should Robots Replace Teachers? AI and the Future of Education**. Cambridge: Polity Press, 2020.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. *Revista Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 32, p. 15-33, jan./jun. 2011.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.